

Formar para formar: investindo no(a) professor(a) para a formação literária de crianças e adolescentes

Ana Maria Wertheimer¹

A 5ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-livro e publicada em 2020, traz dados reveladores acerca do perfil do leitor brasileiro. Entre os motivos por lerem menos do que gostariam, os sujeitos entrevistados alegam falta de tempo, falta de acesso a livros e de local adequado para a leitura, e declaram ter interesse por outras atividades (Instituto Pró-livro, 2020, p. 58, 63). Muitos dos entrevistados reconhecem que leem devagar, que têm dificuldades de concentração e ou mesmo que não compreendem o que leem (2020, p. 63).

Entre os achados da pesquisa do Instituto Pró-livro, a falta do hábito da leitura é evidente e coaduna com o perfil de muitos estudantes de cursos de licenciatura, precisamente daqueles que serão responsáveis pela formação de alunos-leitores. Como é possível formar leitores se a leitura literária não faz parte da experiência dos próprios professores? Com base nas considerações da antropóloga francesa Michèle Petit (2009, 2013) sobre a relação entre leitura e (re)construção da identidade e nas práticas de leitura no aprendizado escolar, sugeridas pela professora Teresa Colomer (2003, 2007), da Universidade Autônoma de Barcelona, o presente trabalho traz uma reflexão teórica acerca da importância da leitura (por que ler) e propõe estender para os alunos do nível superior, os futuros professores da educação básica, as mesmas práticas de mediação de leitura (como ler) previstas para a formação literária na escola. Estima-se que um estudo que trata, sem constrangimentos, da realidade de muitos universitários, ou seja, de um adulto que “não teve a sorte de dispor de livros em casa, de ver seus pais lerem, de escutá-los contar histórias” (Petit, 2013, p. 25), possa contribuir para uma mudança de atitude em relação à leitura, uma quebra no círculo vicioso em que o não-leitor não obtém êxito na tarefa de formar o futuro leitor.

Por que ler

Já na primeira década dos anos 2000, quando os computadores e telefones celulares eram ainda bastante limitados em relação aos recursos que oferecem hoje, Colomer (2007, p. 104) reconhece que, embora a prática da leitura tenha-se popularizado (“lê-se mais”), devido à extensão da escolaridade (ou seja, devido à democratização do ensino, ao maior número de

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul – PUCRS – e professora da Escola de Humanidades da mesma instituição, atuando nos cursos de graduação em Letras, Escrita Criativa e Pedagogia.

crianças na escola), a autora pondera que o que se lê (e para que se lê) não corresponde à literatura. Ao indicar que se lê em maior quantidade, mas não com qualidade, Colomer (2007) reflete sobre os motivos pelos quais “o objetivo de formar o leitor não tem obtido o êxito esperado” (2007, p. 10). Colomer afirma que “não há consenso, por exemplo, sobre para que [a leitura] é útil já que agora existem outros meios, como os audiovisuais, que cumprem funções que antes pertenciam à literatura [...]”. Na obra *Andar entre livros*, a autora (2007) relaciona a diminuição do percentual de leitores a dificuldades de origem socioeconômica como a falta de acesso a livros e de espaço adequado para a leitura, motivos que também foram referidos na pesquisa do Instituto Pró-livro. A origem socioeconômica, em geral, determina tanto o nível de escolaridade quanto os hábitos culturais do leitor: quanto maior o nível socioeconômico, maior o nível de escolaridade e, por conseguinte, maior acesso a produções artísticas e culturais².

No que se refere a mídias que contribuem para aumento do grupo de não-leitores, Michèle Petit, em 2013, na obra *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, aponta a televisão e o rádio como concorrentes diretos dos livros: “A televisão e o rádio penetram nos espaços relegados, e até podem ocupar ali todo o tempo ‘livre’” (Petit, 2013, p. 25). É provável que, nesta segunda década do século XX, uma reedição da pesquisa de Petit, ajustada aos recursos da atualidade, apontasse as mídias sociais como o principal fator para a falta de leitura. Nos dias atuais, é perceptível que a internet, com as plataformas de *streaming* e redes sociais, consome o tempo que poderia ser dedicado à leitura. No Brasil, a referida pesquisa do Instituto Pró-livro já indica o uso da internet em primeiro lugar entre as atividades de lazer tanto de não leitores quanto de leitores³, deixando a televisão e o rádio para segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Na comparação entre livros e mídias audiovisuais, Colomer (2007, p. 102) argumenta que “o objetivo de formar o leitor não tem obtido o êxito esperado [...]; não há consenso, por exemplo, sobre para que [a leitura] é útil já que agora existem outros meios, como os audiovisuais, que cumprem funções que antes pertenciam à literatura [...]”. Colomer (2007, p.

² Ambas Petit (2009) e Colomer (2013) apontam o gênero do leitor como uma variável significativa para a medição dos índices de leitura: mulheres leem mais do que homens. Segundo Petit (2013, p. 53) “Na França, mesmo fora dos meios populares, a leitura, e principalmente a leitura de obras literárias, é cada vez mais um assunto de mulheres e moças: três quartos dos leitores de romances são hoje em dia leitoras”. Essa informação alinha-se à de que os iniciadores de livros ou os mediadores de leitura (professores, bibliotecários ou animadores sociais) são, em sua maioria, mulheres, de acordo com Petit (2013). Também nos cursos de Licenciatura em que atuo, o número de mulheres, futuras professoras da educação básica, é bem maior do que o número de homens. Para fins deste trabalho, no entanto, essa variável não parece ser relevante.

³ Na pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (Instituto Pró-livro, 2020, p. 19), é considerado leitor “aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses”.

102-103), observa que as crianças mais novas “respondem afetiva e estatisticamente à palavra e à narração de histórias, mas quando se aproximam dos oito ou nove anos já são muitos os meninos e as meninas que dizem ‘é que eu não gosto de ler’”. Para essa professora, além do uso das mídias audiovisuais (nas quais agora se incluem o computador e o *smartphone*), também a competência leitora (ou a sua falta) explica o afastamento das crianças dos livros.

Diante das novas mídias e das dificuldades para a leitura literária, parece estar cada vez mais difícil estimular a formação do hábito da leitura. Michelè Petit (2009, p.11) reconhece o “bloqueio em relação aos livros” ou a “hostilidade à leitura” por parte de jovens como fatores que os distanciam da leitura literária. Para a antropóloga (2009), os professores e os bibliotecários são os principais mediadores para a descoberta da leitura, isto é, de acordo com suas pesquisas, são eles os responsáveis pela promoção da leitura para crianças e adolescentes na educação básica.

É sobre o bem-sucedido encontro dos jovens com a leitura literária que a antropóloga discute na obra *Os jovens e a leitura*, apresentando dados e depoimentos coletados em pesquisa para o Ministério francês da Cultura, cujo objetivo era avaliar o papel das bibliotecas e da leitura para jovens em situação de vulnerabilidade. Ao abordar a leitura como tema de suas pesquisas, Petit (2009) aponta que os benefícios da leitura ultrapassam o inquestionável enriquecimento do vocabulário e da sintaxe ao favorecerem a construção de si e a tomada de consciência de uma verdade interior: “Quando escutamos os leitores, nos surpreende o fato de que os relatos e as frases que lhes falam, que lhes revelam, que lhes ajudam a dar sentido a suas vidas e a resistir às adversidades, são muitas vezes inesperados” (Petit, 2009, p.27). Dentre os exemplos compartilhados pela pesquisadora, destaco o de um jovem homossexual que assumiu sua identidade motivado pela leitura da autobiografia de uma atriz surda. Além desse, há uma série de depoimentos de jovens que, pela emigração forçada, sentiam-se isolados e encontraram na literatura a compreensão e empatia para reconstruírem sua identidade.

Também no âmbito da saúde física, a leitura, e aqui não se especifica a leitura literária propriamente dita, apresenta outro tipo de benefícios: contribui para a redução da ansiedade e do estresse, exercita a memória e ainda ativa as regiões do cérebro responsáveis por funções cognitivas, ajudando a prevenir doenças neurodegenerativas (Unimed, 2021). Sobre esse aspecto, Teresa Colomer afirma “lê-se mais do que nunca, mas o que se lê e para que se lê está longe de corresponder à literatura e a seus possíveis benefícios” (Colomer, p.104). Antes de julgar ou de criticar os estudantes não-leitores, alegando que tempo é questão de prioridade, é preciso perceber que a cobrança ratifica a ideia de que a leitura literária seja uma

obrigação, seja uma sobrecarga atribuída ao professor de língua portuguesa ou professor dos anos iniciais, ambos profissionais responsáveis pela formação de futuros leitores. É preciso levar os alunos ao encontro do prazer da leitura, ou, segundo Michèle Petit, do prazer de descoberta de si por meio dos livros.

É fato que o aluno universitário está afastado dos livros, supondo-se que, em algum momento de sua jornada, tenham sido leitor efetivo, o que nem sempre é a realidade. Muitos deles, principalmente dos cursos de licenciatura, são adultos que conciliam estudo e trabalho, o que, para professores menos empáticos, se torna motivo suficiente para uma formação deficiente. Esses alunos estão, obviamente, em busca de melhores oportunidades. Um levantamento inédito realizado pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES, 2022), em parceria com a Symplicity, empresa de solução de software de empregabilidade e engajamento estudantil, avaliou a colocação profissional de quase 2 mil egressos de 10 instituições privadas de ensino superior de todas as regiões do país que colaram grau entre meados de 2020 e meados de 2021, no momento mais crítico devido à pandemia da Covid-19. Essa pesquisa apontou que 69% dos egressos estão empregados após um ano da formação. Isso significa que uma formação universitária tem um impacto na empregabilidade e que os estudantes estão buscando melhores oportunidades.

Dada a importância da literatura para a formação do cidadão, não apenas nos aspectos físicos, mas principalmente em relação a aspectos cognitivos e psicológicos, a questão que se apresenta é o compromisso de todo professor, quer seja da educação básica ou do ensino superior, de incentivar seu aluno a tornar-se um leitor efetivamente.

Como ler

Colomer (2007) relaciona o fato de o aluno abandonar a leitura literária tão logo conclua a educação básica à questão da necessidade da literatura, isto é, a aparente falta de motivos para continuar lendo obras literárias. A professora argumenta que, se o leitor não é formado na escola, o abandono da leitura literária é previsível e justificável, pois a literatura é considerada “algo ligado à escola, que se abandona tão logo se deixam as aulas” (Colomer, 2007, p. 64).

A falta de êxito na formação do leitor, segundo Colomer (2007), pode estar na escolha de livros e autores que “simplesmente não fazem parte do mundo dos alunos. [...] devemos dedicar tempo e programar atividades que favoreçam o interesse pessoal e estabeleçam essa conexão, fazendo com que se sintam pertencentes ao universo dos livros (2007, p. 64).

Colomer (2007) ainda descreve o pensamento dos alunos adolescentes, que pode ser atribuído também aos alunos do ensino superior: “Quando se lhes assegura que ler é prazeroso e interessante, provavelmente os alunos acreditem... apenas já decidiram que pode ser *para os outros*, mas que a literatura não serve para *eles*” (2007, p. 64, grifos da autora).

Para além da seleção de livros e autores que vão ao encontro dos interesses dos alunos, a atividade de leitura deve “ensinar a falar, a argumentar, a usar a metalinguagem” (Colomer, 2007, p. 66) e essa prática deve ser oportunizada desde muito cedo, permitindo “que as crianças possam julgar os contos lidos a partir de análises realmente literárias” (2007, p. 66). E, sobre os adolescentes, Colomer (2007) acrescenta: “Se deixarmos que falem sobre os livros e se os ouvimos, poderemos também saber se usam, realmente, os conceitos e as palavras que lhes foram dados para interpretar suas leituras ou se esse é um conhecimento reservado unicamente para a prova (Colomer, 2007, p. 66).

É papel do professor é, portanto, identificar os interesses dos alunos e conhecer sua capacidade de análise para ajudá-los a ampliar progressivamente sua “autonomia de fruição” (Colomer, 2007, p. 67). A autora, porém, alerta:

Os alunos têm direito de saber que existem *corpus* distintos, com variadas ofertas para diferentes momentos e funções de muitos tipos. Seu avanço “na aquisição do gosto” fará com que haja *corpus* que fiquem esquecidos e desprezados. [...] Outros *corpus* se manterão, compatibilizando-se entre eles, tal como se alternam constantemente os gêneros e a dificuldade das leituras na vida cotidiana de qualquer bom leitor. E a algumas obras só se chegará bem mais tarde (Colomer, 2007, p. 68)

Os estudos de Teresa Colomer dirigem-se ao público da educação básica (crianças e adolescentes) e o conceito de progressão prevê a inclusão dos cânones literários, dos clássicos da literatura, sobre os quais a autora afirma serem “um tipo de leitura mais exigente que apenas se realizará, em sua maioria, no contexto da instituição escolar” (Colomer, 2007, p. 156). Uma vez que a escola é o espaço propício para o contato inicial com a leitura literária, é primordial que o(a) professor(a) tenha uma formação literária adequada e que seja ele mesmo (ela mesma) um(a) leitor(a).

O que se percebe, infelizmente, é que o aluno chega aos cursos de Pedagogia e, muitas vezes, aos cursos de Letras sem essa prática de leitura, sem essa capacidade de fruição que abarca desde a leitura mais simples até textos mais complexos, o que pode levar a uma formação deficitária do(a) professor(a). Essa realidade é também percebida pela professora das Espanha:

Lamentavelmente a experiência nos diz que a leitura dos professores, inclusive, se limita com frequência a essas formas mais acessíveis. [...] É necessário que os docentes saibam analisar e avaliar os livros que oferecem outras formas de fruição para que possam levar as crianças a descobrir prazeres que exigem maior elaboração (Colomer, 2007, p.69).

Na busca de um modelo eficaz de ensino literário já no ensino superior, recorre-se às práticas apresentadas por Colomer (2007), das quais se elege a leitura compartilhada dentre as várias as formas de “ler com os outros” (Colomer, 2007, p.148). A leitura compartilhada prevê trabalhos em duplas, discussões em grupo ou clubes de leitura, em um contexto em que se introduzam perguntas autênticas e relevantes sobre cada obra lida. Segundo a professora, “trabalhar em grupo ajuda a interpretar de forma mais complexa, já que obriga a argumentar, a retornar ao texto, a comparar, a contestar etc.” (2007, p. 71). Para Colomer (2007), é preciso “criar espaços de leitura compartilhada nas classes, como lugar privilegiado para apreciar com os demais e construir um sentido entre todos os leitores” (p.148).

Na tentativa de trazer para o ensino superior algumas das práticas sugeridas por Colomer (2007), descreve-se aqui um pequeno projeto desenvolvido com alunos do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). O objetivo principal do projeto foi (re)conectar os alunos aos livros para motivá-los a buscar a autonomia de fruição, indispensável para a criação do hábito da leitura. A primeira etapa foi conhecer o perfil da turma para realizar a escolha dos textos. Contemplando gêneros distintos, a saber, a poesia e a prosa, foram selecionados dois contos de Lygia Fagundes Telles, *Venha ver o pôr-do-sol* e *O menino* (Teles, 1999), e os conhecidos *Poema em linha reta* e *Retrato*, de Fernando Pessoa e Cecília Meireles, respectivamente.

Na leitura desses textos literários, trabalhados em aulas distintas, procurou-se oportunizar aos alunos momentos de reflexão em que pudessem experienciar aquilo que, para Michèle Petit (2009), significa uma súbita tomada de consciência de uma verdade interior. Na esteira do pensamento de Petit, Cecília Bajour (2012), em *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*, critica a análise pormenorizada de textos literários em defesa de uma análise que leve em consideração aquilo “que os leitores dizem sobre os textos” (Bajour, 2012, p. 41). Ao refletir acerca do papel do mediador de leitura, Bajour (2012) argumenta que, “a leitura de um poema, por exemplo, se for apenas uma via para detectar, isolar, dissecar e mencionar hipérboles, sinestesias, antíteses, metonímias etc., deixa de fora a poesia e os leitores” (Bajour, 2012, p. 40).

A participação dos alunos nessas práticas de leitura, aparentemente simples, desenvolvidas no projeto, foi bastante significativa, mostrando que apreciam textos literários e, acima de tudo, que têm sensibilidade e competência para a compreensão leitora. Temas como traição, envelhecimento, sentimento de inferioridade e violência contra mulher foram tratados a partir das leituras, oportunizando aos alunos momentos de reflexão e, talvez, de

(re)construção de identidade ao compartilhar, não somente com os colegas, mas, acima de tudo, com o texto literário, um sofrimento interior.

Considerações finais

Embora proponha a prática da leitura compartilhada, Teresa Colomer (2007) também argumenta que a leitura exige tempo, solidão e concentração, além de habilidades específicas e de exercício. Essas condições, entretanto, parecem não compatíveis com o perfil das gerações mais novas que, mesmo fisicamente isoladas, estão, em geral, interagindo com seus pares nas redes sociais. No caso dos alunos que participaram do projeto aqui apresentado, alunos do curso de Pedagogia, que estudam para atuar na educação infantil, e acadêmicos de Letras, que se preparam para atuar como professor(a) do ensino fundamental e do ensino médio, ambos cursos noturnos de uma instituição privada, a grande maioria são trabalhadores que possuem pouco tempo livre e não dispõem das condições ideais para desenvolver o hábito da leitura. Perguntas como “Qual é o livro você está lendo?” ou “Qual foi o último livro que você leu?”, além daquelas sobre seus autores e suas obras preferidas (todas perguntas pertinentes para alunos do ensino superior) são, na verdade, constrangedoras e podem levar os alunos ao bloqueio e à hostilidade referidos por Petit (2009).

Muito embora a biblioteca da universidade disponha de um vasto acervo com obras de diversos gêneros e autores da literatura brasileira e estrangeira, muitos dos alunos desses dois cursos limitam-se à leitura dos livros e materiais solicitados pelos seus professores, por conta da falta de tempo. O não-leitor, portanto, está na sala de aula dos cursos de Letras e Pedagogia, e, impreterivelmente, terá a função de mediar a leitura e de formar futuros leitores. A realidade que se apresenta é um círculo vicioso que apenas poderá ser desconstruído quando o professor e a comunidade universitária, ao invés de testemunhar a realidade, unir forças para motivar os alunos para a leitura literária.

REFERÊNCIAS

ABMES. Indicador ABMES/Symplicity de Empregabilidade (IASE), 1ª ed. Brasília/DF: ABMES, 2022. Disponível em: <http://empregabilidade.org.br/resultados-gerais> . Acesso em: 26 maio 2023.

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. Retratos da leitura no Brasil: 5ª edição. São Paulo: IPL, 2020. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-IPL_dez2020-compactado.pdf Acesso em: 30 Set. 2023.

PETIT, Michèle, **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. 2 ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do baile verde*. São Paulo: Rocco, 1999.

UNIMED. **Benefícios da leitura**: por que ler faz bem para a saúde. Belo Horizonte: UNIMED, 2021. Disponível em: <https://viverbem.unimedbh.com.br/qualidade-de-vida/beneficios-da-leitura/> Acesso em: 26 maio 2023.